

BRPress - SUÍÇA - Injustiça não é monopólio do Brasil

SUÍÇA - Injustiça não é monopólio do Brasil

Rui Martins*/Especial para BR Press

(Genebra, BR Press) - Às vezes fico preocupado com o negativismo ou o pessimismo dos brasileiros, com as afirmações de que "a maior corrupção do mundo está aqui, a Justiça mais parcial está aqui, as maiores safadezas se fazem aqui".

Realmente, o Brasil não é nenhum paraíso, mas vamos com calma. Será que não existe corrupção, safadeza e arbitrariedade nos outros países mais desenvolvidos, os chamados do Primeiro Mundo?

A título de ilustração, vou contar um caso estampado, nos últimos dias, nas primeiras páginas dos jornais suíços e, por diversos dias, na televisão. Envolve um português especialista em informática, imigrante na Suíça, e a direção da Rádio Suíça Romande, ou de língua francesa.

Jorge Resende é o nome do português, imigrante na Suíça há 16 anos. Chegou como serralheiro, viveu aquela vida dura de todo imigrante, mas, lutador, conseguiu fazer um curso de informática, tornou-se um especialista e arrumou emprego na Rádio Suíça Romande. Passou a ganhar um bom salário, necessário para educar suas três filhas - duas no colégio e a mais nova no ginásio.

Pedofilia

Ora, ninguém está livre de um azar. Quando tudo parecia resolvido na vida de Jorge Resende, que havia até pedido a naturalização suíça, seu dia de azar chegou. Ao tentar resolver um problema no computador da rádio, localizou vestígios de fotos de crianças e, olhando mais atentamente, viu que se tratavam de fotos de pedofilia.

Porém, não eram só fotos deletadas. Havia algumas centenas guardadas num arquivo pesado. E, como estavam no núcleo do computador, Jorge percebeu, estarrecido, que faziam parte do arquivo de gente da direção da rádio. Pior ainda, as fotos não tinham vindo de algum site de pedofilia da Internet. Tudo indicava que as fotos tinham sido transferidas de uma câmera digital.

Ou seja, fotos tiradas em algum lugar privado pelo alto funcionário ou mesmo numa festinha de pedofilia. Jorge contou tudo para seu chefe imediato, que, depois de constatar o uso indevido dos arquivos da rádio, enviou um memorando para a direção.

Jorge Resende foi chamado pela direção e informado de que seriam tomadas as providências necessárias. Mas ele não deveria de forma alguma comentar com seus colegas a descoberta, sob pena de demissão.

Caso enterrado

A rádio advertiu o alto funcionário, fez com que ele se tratasse com um psiquiatra e enterrou o caso, mesmo porque ele começaria a dirigir um canal de televisão. Jorge Resende, com seu segredo virando úlcera e não vendo nada acontecer, decidiu falar logo depois de uma festa de Natal na rádio, onde a direção distribuía presentes para os filhos e filhas dos empregados.

Chamou seu chefe e avisou que não podia ser cúmplice com seu silêncio. Logo depois, foi demitido. Mas o caso acabou chegando aos ouvidos da polícia, que requisitou computadores da direção da rádio. Ora, uma

rádio não é a mesma coisa que uma fábrica de um produto qualquer. Uma rádio mexe com comunicação, com informações, com o grande público. Um pedófilo na alta cúpula de uma rádio é coisa perigosa.

A rádio vem perdendo credibilidade, enquanto seus funcionários exigem a punição do pedófilo e a reintegração do empregado demitido por ter agido corretamente. A rádio já ofereceu uma boa indenização para Jorge Resende sair pela porta dos fundos, mas ele a rejeitou. Deseja apenas ser readmitido, e prometeu acampar diante da rádio enquanto não for reintegrado.

No passado, um guarda noturno suíço, em Zurique, salvou um pacote de documentos que o banco UBS iria destruir, relacionado com o roubo do dinheiro deixado nos seus cofres por judeus mortos no holocausto. Os documentos foram entregues à polícia, que os devolveu ao banco, e o guarda noturno foi processado por violação de segredo bancário. Precisou fugir da Suíça e se tornou o primeiro refugiado suíço nos EUA. O Congresso americano lhe concedeu asilo e Clinton lhe providenciou um green card.

Jorge Resende vive num apartamento simples com sua família, e agora não tem mais dinheiro para pagar o aluguel. Enquanto isso, a rádio diz que o honesto português foi demitido não por ter achado as fotos comprometedoras, mas por não ter guardado o silêncio pedido.

Como vêem, a hipocrisia, a safadeza e a corrupção não são monopólio do Brasil.

(*) Rui Martins reside há 20 anos na Suíça, depois de ter vivido em Paris (exílio) e Amsterdã. É autor do livro Dinheiro Sujo da Corrupção (Geração Editorial), indicado ao Prêmio Jabuti 2006 de Livro Reportagem, e correspondente da BR Press na ONU, em Genebra.